11ª Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS & 8º Simpósio de Pós-Graduação

FORMAÇÃO INTEGRAL NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: realidade e ficção.

Marcel Freire da SILVA[1]

RESUMO

Este trabalho enseja uma análise crítica acerca dos cursos Técnicos de Nível Médio na modalidade Integrado na perspectiva de delinear sua vocação à formação Integral em sua atual conjuntura organizacional. Como postulado inicial se utilizou o conceito de formação Integral através da perspectiva marxiana bem como as relações contraditórias entre o ser humano e o trabalho desenvolvidas por Ricardo Antunes e Giovanni Alves. O trabalho explora criticamente o problema básico marxista da compreensão da formação Integral no contexto do Ensino Médio Integrado como realidade e ficção através de duas percepções básicas e antagônicas. A proposta deste trabalho se dirige à hipótese de que a formação Integral no Ensino Médio Integrado depende frontalmente do convencimento de seus múltiplos atores acerca de sua dinâmica e que é necessário aprofundar suas tensões para afastar-se da real possibilidade de sua subsunção.

Palavras-chave: Modalidade Integrado; Flexibilização; Educação Unitária.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se constituiu a partir da disciplina de "Bases Conceituais para a Educação Profissional e Tecnológica" do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do IFSULDEMINAS Campus Poços de Caldas. É proposta uma análise crítica acerca dos cursos Técnicos de Nível Médio na modalidade Integrado na perspectiva de delinear sua vocação à formação Integral em sua atual conjuntura organizacional.

Esta modalidade, para além do espírito das leis, constitui um *locus* privilegiado à politização da educação para as mais distintas finalidades. Este trabalho discute duas percepções básicas e antagônicas provindas da análise de diversos autores acerca das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio: a primeira de que a modalidade Integrado deve se prestar à formação Integral e profissionalizante de forma justaposta com a oferta de dois cursos em apenas uma matrícula; e a outra em que sequer deveria existir essa predefinição antinômica se devendo apenas existir a categoria de formação Integral.

A proposta deste trabalho se dirige à hipótese de que a formação Integral no Ensino Médio Integrado depende frontalmente do convencimento de seus múltiplos atores acerca de sua dinâmica

1Estudante, IFSULDEMINAS – *Campus* Poços de Caldas. E-mail: marcelfreire7@gmail.com.

e que é necessário aprofundar suas tensões para afastar-se da real possibilidade de sua subsunção. A segunda percepção, portanto, se aproxima de forma mais autêntica do que seria uma formação Integral, no entanto, pode se revelar tão fictícia quanto a primeira quando trazida à realidade de forma anacrônica e idealista.

O aporte teórico parte de Marx o qual considera a educação como um princípio de formação Integral do ser humano por meio da educação intelectual geral, da educação do corpo e da educação para o trabalho (MARX; ENGELS, 2006, p. 68). No entanto, o termo "formação tecnológica" marxiano não significa formação profissional; sua proposta vai ao encontro de um processo educacional instrutivo de caráter amplo e geral que garanta a superação do reino da necessidade para levar os indivíduos ao reino da liberdade. A perspectiva marxiana de educação não se coloca como um processo ou caminho a ser percorrido, mas antes uma realidade a ser colocada em prática, histórica e produzida por homens reais. Neste sentido, a formação profissional apenas serve ao reino da necessidade e não promove a liberdade e a educação se mantém produtora de mão de obra perdendo a perspectiva do trabalho como princípio educativo e assumindo a categoria trabalho como finalidade. Portanto, o "trabalho como princípio educativo" não pode ser reduzido à simples profissionalização demandada pelas forças produtivas capitalistas. O conceito de trabalho como princípio educativo abrange, por base ontológica, a própria ação de construção dos indivíduos e a apropriação das forças produtivas intrinsecamente elaboradas pelo ser humano. É uma atividade criativa acima de tudo, na qual o ser humano é o autor Integral da história e possui o potencial de modificar a natureza para que ela se adapte ao humano e não o contrário.

Na ausência de tal perspectiva, impera a fragmentação. Segundo Giovanni Alves (1999, p. 53), a partir da década de 1980 surgiu um fenômeno mundial denominado por François Chesnais como "mundialização do capital" e que fomentou a inserção, em grandes proporções, de uma forma toyotista de produção capitalista. Esse processo de mundialização do capital é caracterizado pelo desemprego estrutural, pela superprodução internacional, pelos conflitos comerciais internacionais, pelas consequentes baixas de projeção do PIB de países tradicionalmente crescentes e, acima de tudo, pelo caráter rentista e parasitário do capital que gera a si mesmo num ciclo puramente especulativo (ALVES, 1999, p. 55). Todos esses elementos ajudam a produzir um nefasto novo patamar no processo de construção do capitalismo que difere das críticas marxistas ao modelo taylorista fordista em relação ao aprimoramento nas estratégias de captura da subjetividade do trabalhador; esse novo modelo passa de uma categoria formal a uma categoria real (ALVES; ANTUNES, 2004, p. 344). Dessa forma, a categoria trabalho, no âmbito do toyotismo, abarca novas formas precarizadas de flexibilização da produção. O trabalhador passa a conviver diretamente com a instabilidade das relações trabalhistas devido a estratégias de produção caracterizadas por

conceitos que desregulamentam e flexibilizam o conceito de trabalho, promovendo a captura da subjetividade e da força de trabalho de forma mais eficiente do que o modelo taylorista fordista. Nesse modelo há uma incorporação do sistema de acumulação flexível por parte do próprio trabalhador num autoflagelo que proporciona uma nova estruturação das formas de ser do trabalho.

Há, portanto, uma antinomia explícita gerada por estes desencontros onde as estruturas sociais mais básicas do ser humano que o levam a produzir sua própria vida através da atividade criativa, da comunicação e de sua interação com a natureza é subsumida por meio de sua própria vontade capturada. Estes novos mecanismos capitalistas estão engendrados em toda a sociedade, especialmente nas escolas, local privilegiado de formação para o trabalho enquanto princípio que orienta e que dá fundamento ao processo educacional (SAVIANI, 2003, p. 136). Tal antinomia produz grandes males estruturais nos seres humanos que não mais se movem pelas suas necessidades naturais e livres, mas por necessidades artificiais e impostas. Nesse contexto a educação se coloca como ambiente principal das lutas dentro do processo de flexibilização das relações sociais no mundo do trabalho através de uma oferta de educação geral e ampla que seja capaz de conduzir os indivíduos à plena liberdade.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para consecução deste trabalho foi feita uma pesquisa bibliográfica acerca do tema da formação Integral na tradição marxiana e gramsciana e da mesma forma as relações contraditórias entre o ser humano e o trabalho desenvolvidas por Ricardo Antunes e Giovanni Alves. Através destes conceitos o trabalho explora criticamente o problema básico da compreensão da formação Integral no contexto do Ensino Médio Integrado e seus documentos normativos desvelando seus limites enquanto realidade e ficção.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A proposta dos cursos Técnicos de Nível Médio na modalidade Integrado, a partir dos documentos normativos pesquisados (Lei nº 9.394/1996, Decreto nº 5.154/2004 e Resolução CNE/ CEB nº 06, de 20 de setembro de 2012) se delineia a partir de um paradigma unitário. No entanto, durante a sua efetivação, ao se colocar numa espécie de conciliação entre a formação geral e a formação profissional num sistema de demandas de mercado, se torna apenas uma justaposição entre cursos distintos, que produzem no interior do sistema educacional uma cisão entre o Ensino Médio com sua perspectiva de mera passagem ao nível superior, e o ensino profissionalizante que tenta encerrar precocemente o processo educativo para atender às demandas produtivas do mundo do trabalho.

A modalidade Integrado está num campo tencionado entre forma e conteúdo, sendo que a sua forma pressupõe, antes de tudo, seu conteúdo. Esse último entendido como a formação geral e técnica que precisa estar fundado em bases tecnológicas para ser compreendido em um único movimento que pode se denominar de educação unitária. A partir do momento em que os conhecimentos que são objeto de trabalho da formação geral e técnica estiverem alinhados a um único propósito de uma formação Integral será possível realizar um projeto educacional inovador na modalidade Integrado que fuja à lógica nefasta da necessidade.

4. CONCLUSÕES

Percebe-se, portanto, que é imperioso que os diversos profissionais da educação absorvam o ideário da formação Integral e o compreendam como um processo unitário e não fragmentado. Há uma dificuldade sistêmica dos sistemas de ensino em discutir o conteúdo dos currículos dos cursos em suas bases unitárias; dificuldade essa que será aprofundada pela vigência da Reforma do Ensino Médio promovida pela Lei nº 13.415/2017. Porquanto, pode-se afirmar de forma temerária e com todo cuidado que a matéria necessita, que a Educação Profissional Técnica de Nível Médio na modalidade Integrado dificilmente deixará de ser uma peça de ficção nos sistemas de ensino brasileiro nos próximos anos, daí a necessidade de que não se busque de imediato o cessar da tensão, mas seu aprofundamento. É nesse espaço de vida em que ocorre a formação dos consensos e das individualidades humanas e onde nascem as ideologias e esperanças de um povo envoltas em suas plenas contradições é que será possível a transformação social característica da modalidade Integrado. Portanto, não se trata de mera ideologia, futurismo ou saudosismo, essa transformação social ocorre nas contradições do real das quais não se pode fugir.

AGRADECIMENTOS

Ao programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Campus Poços de Caldas por todo apoio e suporte.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. **Trabalho e mundialização do capital:** a nova degradação do trabalho na era da globalização. Londrina: Práxis, 1999.

_____; ANTUNES, R. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004.

MARX, K.; ENGELS, F. **Textos Sobre Educação e Ensino**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

SAVIANI, D. O choque teórico da Politecnia. **Trab. educ. saúde [online].** 2003, vol.1, n.1, pp. 131-152. Disponível em: <http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/upload/revistas/r41.pdf>. Acesso: 25 set.2018.